

BOTTOMORE, Tom (ed). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

BUZELLI, José Leonardo Sousa. A nova utopia, de Jerome K. Jerome. **Revista MORUS: Utopia e Renascimento**, 2013. Disponível em <http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/viewFile/205/183> Acessado em julho de 2018.

CAVALCANTI, Ildney. You've been framed: o corpo da mulher nas distopias feministas. In: MONTEIRO, Maria Conceição & LIMA, Tereza Marques de Oliveira (eds). **Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas de línguas estrangeiras**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2006.

CUDDON, J. A. **The Penguin dictionary of literary terms and literary theory**. 4<sup>a</sup> edition. New York: Penguin Books, 1996.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoé**. New York: Dover Publications, Inc, 1998.

EVANS, Ifor. **A short history of English literature**. Harmondsworth: Penguin, 1985.

GINDIN, James. **New Accents and attitudes: postwar British fiction**. Los Angeles: University of California Press, 1963. LEGOUIS, Émile. **A short history of English Literature**. New York: Oxford University Press, 1961.

MORE, Thomas. **A utopia**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own: from Charlotte Bronte to Doris Lessing**. London: Virago, 2009.

**ABRAM AS PORTAS DA ESCOLA! ANARQUISMOS PARA A  
RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA ATRAVÉS  
DE DISCIPLINAS ELETIVAS**

*Cicero Weverton Nascimento da Silva*

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre as práticas experienciadas na disciplina “História e Artes”, na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Wilson Gonçalves (Crato-CE). A disciplina surge dentro da proposta de disciplinas eletivas elaboradas para o novo currículo de ensino da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Assim, refletiremos como a proposta de disciplinas eletivas pode ir de encontro às ideias anarquistas contemporâneas sobre educação (WOODCOCK, 1981), (AUGUSTO e PASSETI, 2008). Com isso, o elemento que liga as disciplinas eletivas aos anarquismos é a capacidade da relação ensino-aprendizagem ser realizada fora das salas de aula e também da escola, causando assim um desvio geográfico do ensino, como também uma abolição dos métodos avaliativos que, nessas disciplinas, se efetuam de forma diferente das disciplinas comuns do currículo escolar.

**Palavras-chave:** Anarquismos; Ensino de História; Disciplinas Eletivas; Avaliação.

## INTRODUÇÃO

Discutiremos nesse artigo, como as disciplinas eletivas<sup>125</sup> vão ao encontro de propostas anarquistas clássicas e contemporâneas sobre educação, nesse caso, especificamente, sobre educação e ensino de História.

As chamadas “disciplinas eletivas” são propostas de ensino-aprendizagem que estão diretamente ligadas ao novo currículo educacional elaborado pela Secretaria de Educação do estado do Ceará, anexadas a nova carga horária para as escolas, agora de tempo integral<sup>126</sup>.

Os professores que regem essas disciplinas podem ser os efetivos da rede estadual de ensino, atuantes em Escolas de Tempo Integral, ou professores temporários contratados unicamente para esse fim. Com isso, cada professor pode elaborar seu plano de aula da disciplina eletiva do modo que lhe agrada, desde que esteja a par com o Plano Nacional e Estadual de Educação e dentro dos eixos temáticos das atividades eletivas de cada escola<sup>127</sup>.

---

<sup>125</sup> As experiências aqui relatadas correspondem somente às disciplinas eletivas da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Wilson Gonçalves (Crato-CE), em especial a eletiva “História e Arte”, em que leciono neste período letivo de 2018.

<sup>126</sup> Ver o site: <http://www.seduc.ce.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/211-noticias-2017/12674-governo-do-ceara-entrega-escola-de-tempo-integral-em-cascavel>. Acessado em 23 de maio de 2018.

<sup>127</sup> Os eixos das atividades eletivas na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Wilson Gonçalves são: 1-aprofundamento de conteúdos; 2 – arte e cultura; 3- clube estudantil e desenvolvimento de projetos; 4-

Como professor temporário de disciplina eletiva, decidi elaborar uma ementa de aulas que se organizam no eixo temático “arte e cultura”, chamada “História e Artes”. Com essa disciplina é possível mediar o ensino de História através das artes e suas linguagens: literatura, cinema, música, fotografia, entre outras.

Com isso, os alunos da Escola podem entender certos momentos históricos considerando a literatura, música, cinema mundial e brasileiro, a foto-arte, como materiais que contribuem para a relação ensino-aprendizagem de História para além do livro didático e do ensino tecnicista ou voltado majoritariamente para vestibulares, ao tempo em que é possível os alunos também se engajarem com esses modos de produções artísticas, aproximando-se de um *artevismo* que enfatize a História do mundo e suas próprias histórias, pois todo o processo de aulas e oficinas são relatados, poetizados, fotografados, desenhados pelos próprios alunos, a fim de produzirem, ao final do período letivo, um zine<sup>128</sup> que sintetize todos esses momentos.

## **ONDE ENTRAM OS ANARQUISMOS?**

As ideias anarquistas coincidem com as propostas das disciplinas eletivas em vários momentos. Entre elas podemos citar primeiramente as ideias de Paul Goodman, através do texto *Alternativas para a deseducação* ([1962] in WOODCOCK, 1981, p. 253-258). Nesse texto, o autor entende que a escola oferece um desserviço a educação, ou seja, quando Goodman propõe “alternativas para a deseducação”, está indo contra toda a ideia de educação obrigatória que acontece em seio institucional.

O sistema de educação obrigatória tornou-se uma armadilha universal que não traz nenhum benefício. Muitos jovens, tanto de classes pobres quanto da média, viveriam muito melhor se ele simplesmente deixasse de existir, mesmo que então deixassem de receber qualquer espécie de ensino... Mas o que seria dessas crianças? Para muitas delas, tanto as mais pobres quanto as que pertencem à classe média, o ambiente doméstico é pior do que qualquer escola e as ruas ainda piores, de uma forma diferente (in WOODCOCK, 1981, p. 253).

---

comunicação e mídias; 5- educação ambiental e sustentabilidade; 6- educação científica; 7 – educação e direitos humanos; 8 – esporte, lazer e promoção da saúde; 9 – formação profissional e-jovem informática. 10 – mundo do trabalho. A eletiva “História e Artes” que leciono pertence ao eixo temático “arte e cultura”.

<sup>128</sup> Também conhecido como livreto, fanzine, jornalzinho. Tem a característica de aglutinar assuntos sobre um mesmo tema de forma independente. O conteúdo pode ser sobre música, artes, literatura, política, educação, moda, depende do gosto do (a) zineiro (a), ou seja, aquele que cria o zine.

Paul Goodman compartilha o sonho de muitos anarquistas: a abolição da escola. Todavia, reflete que os jovens não podem simplesmente estarem à mercê da rua, ou as opressões de casa. Assim, apresenta “meia dúzia de alternativas possíveis” contra o sistema de educação obrigatória, entre elas, algumas se assemelham as propostas de disciplinas eletivas. Vejamos:

2. Faça com que algumas classes não tenham aulas no prédio da escola. Forneça os professores e utilize a própria cidade como se fosse uma escola – suas ruas, bares, lojas, cinemas, museus, parques e fábricas. Certamente, é muito mais coerente ensinar utilizando – sempre que possível – exemplos concretos dos conteúdos dados do que criar uma abstração destes conteúdos e trazê-la para dentro da sala de aula como parte do “currículo” (in WOODCOCK, p. 254).

Na disciplina “História e artes” algumas aulas aconteceram tanto fora de sala de aulas, quanto fora da própria escola. Numa ocasião optei por leva-los a quadra esportiva da escola para experienciar uma oficina de paleografia<sup>129</sup>, seguido de um momento lúdico em que os alunos escrevem suas autobiografias. Depois fizemos um processo de “envelhecimento de papel”, simulando um documento antigo.\* Em outra aula, saímos pelo interior do prédio escolar após o momento teórico sobre a História da fotografia, com a finalidade de os próprios alunos produzirem fotografias pensando o cotidiano da escola. Em outros momentos, aulas de campo são realizadas, como a visita ao Instituto Cultural do Cariri (ICC).

Nesses momentos foi possível compreender de outra forma, por exemplo, o ofício do historiador, através da aula teórica de paleografia e da parte prática, em que rasuramos propositalmente as autobiografias dos alunos, para dar uma ideia do processo de desgaste e dificuldade de traduzir um documento antigo. Na oficina de fotografia foi possível compreender certos acontecimentos da revolução industrial, através da evolução das câmeras fotográficas, como também as relações mutáveis que temos com as fotografias: da memória em quadros e álbuns à massiva produção e exclusão de fotos no dia-a-dia. Tudo isso ao mesmo tempo em que foram instigados outros usos da fotografia, como a foto-arte. Assim, foi possível compreender como a sociedade capitalista evolui e modifica nossas relações com as tecnologias.

Mas não é sempre tão simples propor esse tipo de aula, devemos lembrar que a própria burocracia do Estado educacional atual, limita a realização das aulas para os

---

<sup>129</sup> Estudo das antigas formas de escrita, incluindo sua datação, decifração, origem, interpretação, etc.

\* Ao fim do artigo serão anexadas fotografias das oficinas citadas.

alunos apenas em sala de aula. Como também a própria formação de professores não fomenta tais práticas, seja para a própria graduação dos estudantes nas universidades, seja para experiências a serem realizados por futuros professores nas escolas. Dito isso, as aulas de campo continuam existindo como um estado de exceção no sistema de ensino escolar, uma data única em que os alunos anseiam por muito tempo que aconteçam e não uma prática comum do cotidiano escolar.

A próxima alternativa de Goodman segue em linhas semelhantes da proposta anterior, desta vez o prédio escolar não é excluído e, sim, reforçado a presença de:

Adultos não envolvidos profissionalmente com o ensino – o farmacêutico, o dono da loja, o mecânico – como as pessoas mais capacitadas a introduzir os jovens no mundo dos adultos. Desta forma, poderemos fazer uma tentativa que de vencer a barreira que separa os jovens dos mais velhos na moderna sociedade urbana, ao mesmo tempo em que estaremos diminuindo a autoridade absoluta dos educadores profissionais. E não há dúvida de que esta experiência seria muito útil e gratificante para todos os adultos envolvidos (in WOODCOCK, 1981, p. 254).

Primeiramente devemos considerar que alguns pontos desta proposta foram superados, ou pensados de melhor forma. Refiro-me a “autoridade absoluta dos educadores profissionais”, na atualidade, diferente de 1962, ano em que o texto acima foi escrito, os próprios educadores já não se veem mais como autoridades absolutas da educação, ao contrário, é sempre reforçado a ideia da valorização dos saberes dos sujeitos que estão fora da academia, contudo, percebemos que essas ideias na maioria das vezes circulam dentro dos próprios círculos acadêmicos, das universidades. É comum que as instituições de ensino superior abram suas portas para a comunidade externa. Mas, e nas escolas? Acredito que tais práticas pouco pertençam ao cotidiano escolar, como exceção do ensino tecnicista, de conduta neoliberal, bem diferente das ideias progressistas de Paul Goodman e, mesmo assim, quem ensina nas escolas atuais são sujeitos pertencentes aos círculos acadêmicos e não da comunidade em geral.

Tentado esclarecer isto, comparo a ideia de Goodman com a experiência proposta na disciplina eletiva “História e Artes”, em que foram convidados adultos fora do círculo acadêmico para falarem sobre suas atividades, em geral, artistas. Em uma oficina foi convidado o Mc e Repentista Marlon Torres, falando sobre sua vida profissional de músico, ao tempo que aproxima em termos estéticos e históricos o Rap do repente, seja através da rima, dos temas, conteúdo das músicas. Narra a exclusão

sofrida por *rappers* e repentistas na indústria da música, como também a resistência que esses gêneros musicais e seus artistas se põem contra a mídia musical dominante.

Na visita ao ICC, Jackson Bantin fala sobre sua longa carreira de cineasta autodidata, suas resistências e lutas até se tornar uma referência no cenário do cinema cearense. Fala também das transformações da cidade do Crato. Assim, é possível os alunos terem diferentes relações de ensino-aprendizagem sobre o que diz respeito à história regional. Todavia, da mesma forma que esta proposta de Goodman é semelhante a anterior, a crítica às instituições de ensino também é, pois muitas vezes são os próprios professores que mediam essas relações entre os jovens estudantes da escola e a comunidade exterior, e não as políticas públicas para a educação que fomentam esse tipo de atividade.

Dentre as seis “*alternativas para a deseducação*” de Paul Goodman, essas duas foram as que mais se aproximam do que proponho na disciplina eletiva “História e Artes”. As demais propostas se voltam para a desobrigação da presença dos alunos em sala de aula; a descentralização da escola urbana; e o incentivo para os alunos da cidade ir ao campo (in WOODCOCK, 1981, p. 254-256).

## **ANARQUISMOS E EDUCAÇÃO NO BRASIL: BREVE HISTÓRIA DA ESCOLA LIBERTÁRIA E AS NOVAS PROPOSTAS NA ATUALIDADE**

“Quando os anarquistas aportaram [No Brasil], em 1888, não havia escola para gente pobre” (AUGUSTO e PASSETI, 2008, p. 55). Todavia, desde o século XVIII já existiam instituições de caridade cristã, que aos poucos foram sendo substituídas por casas de asilo ainda no império e, mais tarde, na república, “o Estado adotará uma política de atendimento baseada na internação, com objetivo de educar e recuperar o menor” (RIZZINI, 1995, p. 243-244). Com isso, podemos perceber que o Estado primeiro pensou em asilar as crianças pobres, castigá-las e recuperá-las, do que fornecer educação gratuita para elas. “Foi com a propagação do ideário anarquista que as associações de classes propuseram escolas para operários e seus filhos” (AUGUSTO E PASSETI, 2008, p. 55). Com isso, avaliamos que a história dos anarquistas em território brasileiro é a própria história da educação gratuita no Brasil.

Acácio Augusto e Edson Passeti trazem em seu livro *Anarquismos e Educação*, a história dos primeiros anarquistas no Brasil, sendo estes estrangeiros, mas que se preocupavam com uma educação livre, reforçada por uma imprensa independente, pelas

artes e pela educação mútua, onde os intelectuais estrangeiros trabalhavam em prol de informar os trabalhadores imigrantes e brasileiros analfabetos, “disponibilizando-lhes suas leituras e transmitindo-as em conversas, palestras, teatros, intervenções públicas e breves textos escritos” (AUGUSTO E PASSETI, 2008, p. 57).

Na primeira década do século XX essa educação era voltada para os operários e seus filhos, a fim de informá-los sobre a situação proletária, explorações de patrões, combate ao ensino clerical, desmonte das histórias idealizadas de um passado remoto, como também prepará-los para uma luta da qual não podem nem devem se esquivar (AUGUSTO E PASSETI, 2008, p. 57). Assim, a educação anarquista pensada para o Brasil (como também em outras partes do mundo) reforçava a luta antiautoritária no ensino, que se apresentavam nas representações do Estado oligárquico, da Igreja, dos heróis e dos “grandes fatos históricos”.

A partir de 1920 “a escola estava nos jornais, e nos jornais estava o mundo, segundo os anarquistas” (AUGUSTO E PASSETI, 2008, p. 59). Isso se deu pela relação intrínseca entre as chamadas escolas populares e posteriormente as Escolas Modernas com a imprensa livre, pois:

A imprensa era divulgadora da escola libertária e ao mesmo tempo seu *material escolar*, pois trazia, além de informações de ciência e arte, notícias atuais sobre a situação dos trabalhadores, seus filhos, habitações, saúde, e informava sobre as variadas sociabilidades anarquistas. A escola não era um prédio ou uma instituição, mas um espaço, um meio, um método, muitas vezes, somente uma ideia, utilizada por sindicalistas, ligas anticlericais, grupos de estudo pró-escola moderna, maneiras de levar a cada trabalhador envolvido em uma luta específica subsídios intelectuais que mantivessem e ampliassem a gana em contestar a ordem, resistir ao poder e inventar uma existência (AUGUSTO E PASSETI, 2008, p. 58).

Os anarquismos brasileiros circularam na imprensa independente desde o início do século XX e se manteve firme, apesar das dificuldades, até os anos 1930. Neste período, diversos foram as formas de educação propostas nestes jornais que estavam muito além de noticiarem assuntos políticos maniqueístas, acontecimentos vulgares, banais. A imprensa libertária circulava em prol da educação direta, do incentivo as artes e ciências, da instiga à greve, à revolta, à divulgação de encontros de trabalhadores urbanos, manifestava apoio ao feminismo, às formas de contestação contra a educação dominante. Assim, o jornal divulgava a escola libertária e era, ao mesmo tempo, a própria escola libertária.

Mas, o que acontece no período mais contemporâneo de nossa história da educação? Podemos refletir que o Estado burocrático avançou suas formas de domínio. A escola agora é gratuita e universal para crianças e adolescentes, a Constituição Federal assegura esse direito, as Leis de Diretrizes e Bases<sup>130</sup>, como também os Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>131</sup> e Planos Políticos Pedagógicos de Ensino guiam como deve ser o ensino nas Escolas, como o professor deve agir, para onde e para quê a educação deve se voltar.

O que para muitos é um avanço na relação ensino-aprendizagem, principalmente para os empresários e neoliberais, como também para os marxistas estadistas que agora veem suas lutas e conquistas terem espaço na educação brasileira. Para o anarquista, seja ele ou ela clássico ou contemporâneo essas medidas não passam de um modelo onde reside a complexidade do poder e seu domínio totalitário sobre os sujeitos jovens e adultos, domínio total do Estado em convênio com os setores empresariais que pensam a educação como molde para a manutenção das relações capitalistas, bem diferente do que já pensava Paul Goodman, em 1962: “uma educação decente tem como objetivo principal preparar o indivíduo para um futuro melhor, onde um espírito diferente anime a comunidade e onde seja possível criar novas ocupações que não sirvam apenas para obtenção de *status* e salários” (in WOODCOCK, 1981, p. 255).

Felizmente, na atualidade, as escolas libertárias continuam a existir, mesmo que de maneira diferente daquelas do início do século XX, pois os anarquismos são movimentos que se adaptam com o tempo e o espaço. Entre elas, podemos citar a Escola democrática inspirada pelo pensamento de Paul Goodman:

A escola democrática procura encontrar a tomada de decisão compartilhada entre estudantes e professores; realizar uma abordagem centrada no aluno, em que estes escolhem suas atividades diárias; viabilizar a igualdade entre os funcionários e estudantes; e tratar a comunidade como uma extensão da sala de aula. Trata-se de uma reforma da escola e da educação governamental (AUGUSTO E PASSETI, 2008, p. 75).

Alternativas de escolas democráticas surgem, porém, por mais que estejam até certo ponto livres das regras institucionais já conhecidas, ainda acontecem dentro do “controle governamental”. Na cidade do Porto, Portugal, em 1976, o educador José Pacheco “se estabeleceu disposto a resolver problemas, como o isolamento da escola da

---

<sup>130</sup> Ver o site: <https://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/>.

<sup>131</sup> Ver o link para pdf: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>.

comunidade, e dos professores dentro da escola; a exclusão escolar, social e a indisciplina” (AUGUSTO E PASSETI, 2008, p. 76).

Suas propostas atuam em favor de uma escola sem séries, turmas, aulas e período letivo fixo, ideias que servem mais a instrução que a educação e se remetem ao período da revolução industrial no século XIX. Em lugar disso, propôs uma escola que se fundamente em três dimensões. A dimensão da subjetividade: “cada ser humano, em qualquer idade, tem direito a ser aquilo que é”. A dimensão do currículo da comunidade, que se preocupa com o local onde a escola está inserida, quais são os “desejos e sonhos de uma comunidade concreta”. E a dimensão global: “social, econômica, ecológica e a visão de mundo”.<sup>132</sup> As ideias de José Pacheco são bastante consideradas em Portugal e aos poucos chegam ao Brasil, mesmo que sob controvérsias. O próprio educador diz que conhece mais de mil escolas com esse projeto, no Brasil são mais de 200.<sup>133</sup>

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: DE VOLTA ÀS DISCIPLINAS ELETIVAS**

*A arte produz uma integração dos sentidos a que chamamos de habilidade e que é um dos objetivos básicos de qualquer sistema de ensino*

(Herbert Read).

Por mais que as disciplinas eletivas surjam dentro de uma proposta governamental que implantou escolas de ensino integral no Ceará, vejo, mesmo que de forma míope, certos elementos que se aproximam das propostas anarquistas para o ensino, elementos já discutidos no início desse texto. Sendo assim, discutiremos agora as aproximações e possíveis futuros de um ensino de história e talvez do ensino em geral, com propostas da escola democrática que possam implodir as vias institucionais do ensino obrigatório já conhecido.

As disciplinas eletivas acontecem apenas em duas horas aulas, todos os dias. Em cada dia os alunos dos primeiros e segundos anos participam de uma eletiva

---

<sup>132</sup> Ver no site <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/jose-pacheco-e-a-escola-sem-aulaprova-nao-serve-para-nada-0w7ce75yk8wg857aobrt9v1b8>, acessado no dia 23 de maio de 2018.

<sup>133</sup> IDEM.

diferente, sendo que eles escolhem as eletivas que irão participar no início do período letivo. Já com isso, podemos perceber uma flexibilização do ensino: os alunos optam o que querem estudar, de acordo com seus gostos pessoais e com o que é oferecido pela escola.

Com isso, as turmas se tornam reduzidas, no máximo 20 alunos, podendo ser da primeira e segunda série do ensino médio e suas diversas classes, assim, diferentes alunos, de diferentes séries, turmas e idade, compartilham as mesmas experiências e relações de ensino-aprendizagem nas eletivas.

Outro elemento anarquista que podemos perceber é a abolição do sistema avaliativo dominante: provas, apresentações de seminários, produção de artigos, redações. Ou seja, não há necessariamente formas de avaliação nessa disciplina. O que pode existir é um acordo mútuo entre alunos e professor, sobre como os conhecimentos obtidos serão demonstrados. Discorrerei sobre minha proposta na disciplina eletiva História e Artes.

Ao propor uma disciplina voltada para o entendimento de História através das artes, os alunos e eu, chegamos a um acordo em que eles seriam os protagonistas do próprio aprendizado. Fariam pequenos relatos, poesias, autobiografias, quadrinhos, fotografias, vídeos, etc. sobre as suas impressões dos conteúdos expostos: vídeos, músicas, aulas com artistas convidados, aulas de campo, entre outras, ao mesmo tempo em que se relacionam com as novas tecnologias e com *artivismos*, podendo eles mesmos criar esses materiais de forma individual ou coletiva, para, ao fim do ano letivo, ser produzido um zine que possa sintetizar todos esses acontecimentos e produções artísticas. Todavia, procuramos deixar claro que isso não seria um método avaliativo, e sim um compromisso mútuo com a própria turma e disciplina eletiva, ou seja, nos deslocamos de uma proposta avaliativa obrigatória para uma autoavaliação ética como finalidade da educação.

Ainda é muito cedo e experimental avaliar as disciplinas eletivas como possível forma protagonista da relação ensino-aprendizagem nas escolas, porém, como professor, vejo um aproveitamento superior presente na forma em que os conteúdos podem ser expostos, como se dão os debates, como os alunos interiorizam e exteriorizam esses conhecimentos. A cada aula é possível perceber a aproximação entre os alunos mediados pelos afetos e diminuição da exclusão, pois uma classe menos numerosa é propícia a isso.

Ademais, uma aula em que a comunidade externa é inserida na relação ensino-aprendizagem convém mais aos alunos que uma aula expositiva de História que acontece em 50 minutos, onde quem dita o quê e como devem ser aprendidos os conteúdos é o livro didático, onde o menor movimento é considerado indisciplina e é imediatamente punido. As salas muito numerosas em que os alunos são enfileirados funcionam em prol da exclusão na relação entre eles mesmos e com o professor, como também com a comunidade escolar. Assim, termino com a pontual observação do educador José Pacheco sobre a sala de aula e a velha escola atual: “Nós hoje temos alunos do século 21, com professores do século 20 e trabalhando como no século 19. Até quando vamos desperdiçar gente?”.<sup>134</sup>

## **FOTOGRAFIAS DAS AULAS-OFFICINAS MINISTRADAS**

FIGURA 1  
OFICINA DE FOTOGRAFIA: ARTE, HISTÓRIA E COTIDIANO\*<sup>135</sup>



FIGURA 02



<sup>134</sup> Ver no site <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/jose-pacheco-e-a-escola-sem-aula-prova-nao-serve-para-nada-0w7ce75yk8wg857aobrt9v1b8>. Acessado em 23 de maio e 2018.

\*A oficina foi elaborada pela graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri, Jade Luiza, a mesma iria mediar à oficina, porém se ausentou por motivos de saúde.

FIGURA 03



As fotografias das figuras 1, 2 e 2 foram feitas pelos alunos da disciplina “História e artes”, durante a oficina “fotografia: arte, história e cotidiano”, no dia 21 de maio de 2018, na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Wilson Gonçalves.

FIGURA 04



Fotografia da oficina de paleografia, produção de autobiografias e envelhecimento de papel.

FIGURA 05



Fotografia da aula oficina sobre Rap e Repente com o Mc repentista Marlon Torres.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Acácio e PASSETI, Edson. **Anarquismos e educação**. Editora: Autêntica, 2008.

Da SILVA, Cicero Weverton Nascimento. **EMENTA: História e Artes: Literatura, Música e Cinema. EIXO: Arte e Cultura**. Escola de ensino médio em tempo integral Wilson Gonçalves, 2017.

GOODMAN, Paul. Alternativas para a deseducação. In, WOODCOCK, George. **Os Grandes Escritos Anarquistas**. L & PM Editores Ltda. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, impresso no Brasil, 1981. P. 253-258.

**PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acessado no dia 23 de maio de 2018.

READ, Herbert. Uma abordagem estética da educação. In, WOODCOCK, George. **Os Grandes Escritos Anarquistas**. L & PM Editores Ltda. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, impresso no Brasil, 1981. P. 258-264.

RIZZINI, Irma. Meninos desvalidos e menores transviados: a trajetória da assistência pública até a era Vargas. In: FRANCISCO PILOTTI, IRENE RIZZINI. **A arte de Governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Universitária, Amais Livraria e Editora, Santa Ursula, 1995. P. 244-298.

## LINKS

<http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/jose-pacheco-e-a-escola-sem-aulaprova-nao-serve-para-nada-0w7ce75yk8wg857aobrt9v1b8>. Acessado no dia 23 de maio de 2018.

<https://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/>. Acessado em 23 de maio de 2018.

<http://www.seduc.ce.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/211-noticias-2017/12674-governo-do-ceara-entrega-escola-de-tempo-integral-em-cascavel>. acessado em 23 de maio de 2018.